

Capítulo 4

Beleza física e atração interpessoal: Apontamentos teóricos

“A beleza é uma recomendação mais influente que qualquer carta de apresentação” (Aristóteles)

Adriano Schlösser

As feias que me desculpem, mas beleza é fundamental”; “Beleza não põe a mesa”; “A beleza está nos olhos de quem vê”; “A beleza salvará o mundo”. Essas e outras frases apresentadas nos discursos de nosso cotidiano ou na boca de grandes poetas trazem consigo todo um arcabouço de conhecimentos e percepções acerca deste fenômeno tão presente e importante para todos nós: a beleza.

Ah a beleza! Poesias são proferidas homenageando-a. Músicas são cantadas divinizando-a. Pinturas e esculturas são produzidas, imortalizando-a. Propagandas associam seus produtos a jovens rostos belos e sedutores. Filósofos a meditam. Cientistas a estudam. Revistas ditam o melhor modo de tornarmo-nos cada vez mais belos. Academias lotam para que possamos construir um corpo escultural, e portanto, belo. A indústria de cosméticos lança a cada semana, uma nova linha de produtos, mostrando caminhos de como alcançar a tal beleza. Enfim, a beleza parece-nos, querendo ou não, ser fundamental em nossas vidas.

Além disso, a beleza tem sido a principal fonte de escolha em diversas áreas da atração e relações interpessoais, como sexo, amor, e até mesmo no sucesso profissional. De acordo com Hamermesh



(2012), a influência da beleza no sucesso se dá através da autoestima do indivíduo, que proporciona maior segurança na transmissão de ideias e habilidades. Além disso, uma aparência atraente aumenta as chances das pessoas prestarem atenção no que você diz.

Contudo, as opiniões sobre a beleza divergem. Algumas pessoas dizem explicitamente que a beleza é importante, e a valorizam tanto para si quanto a beleza de outras pessoas. Outras a condenam, dizendo que valorizar a beleza física é fútil, pois desqualifica outras qualidades que são mais importantes. Existem também as pessoas que escondem suas opiniões, dizendo valorizar outros quesitos, mas em suas atitudes acabam demonstrando também levar em consideração a beleza física alheia.

De fato, a primeira impressão sobre a beleza de uma pessoa pode não ser duradoura, uma vez que características subjetivas de cada pessoa interferem na percepção (GOETZ, 2013). Porém, estar fora dos padrões culturais de beleza pode trazer diversos problemas em relação tanto a autoimagem quanto ao meio social, podendo geral inclusive exclusão social.

A valorização da beleza física não é um fenômeno recente. Enquanto a Mesopotâmia pouco se interessava para com a beleza, no Egito Antigo, as egípcias já desenvolveram todo um arsenal de cuidados para com sua pele - tais como o uso de argila e pedra-pomes para esfoliação, perfumes, banhos diários com água e carbonato de cálcio, cremes à base de ocre para a pele brilhar ao sol, sombras nas pálpebras e *kajal* para escurecer os olhos, bem como cremes para as mãos, unhas e cabelos – (FAUX, 2000).

Na Grécia Antiga, a estética era baseada em quatro elementos: clareza, simetria, harmonia e cor intensa, nas quais os pressupostos matemáticos de unidade, ordem e organização espacial serviam de moldes, conforme a definição pitagórica (sec. V e IV a.C.) do belo, em que esta estaria baseada em “um equilíbrio entre duas entidades opostas que se neutralizam uma à outra, de uma polaridade entre dois aspectos que seriam contraditórios entre si e que se tornam harmônicos

Capítulo 4 - Beleza física e atração interpessoal: apontamentos teóricos

[...]” (ECO, 2004, p. 72). A perspectiva grega de beleza incluía também as qualidades internas, ligadas ao caráter do indivíduo – como justiça, medida, conveniência, por exemplo.

Roma tinha a característica de apreciar a magreza em detrimento de indivíduos obesos, sendo que, após os suntuosos banquetes românicos, os indivíduos faziam uso de práticas bulímicas de vômito induzido, sendo tal fenômeno socialmente aceito e incentivado, visando não engordar. Com o advento do Cristianismo, a Idade Média passa a exercer importante influência sobre os padrões de beleza, dando ênfase na beleza natural e virginal – condenando o uso de cosméticos e demais utensílios de beleza.

Os aspectos físicos valorizados eram: rosto simétrico, pele clara, seios redondos, cintura fina, ventre arredondado e corpo esguio e gracioso, valorizando assim a aparência feminina mais polpuda e corpulenta, uma vez que a gordura era considerada sedutora e erótica (VIGARELLO, 2006). Por padrões comportamentais vinculados à beleza, considerava-se a humildade, modéstia e castidade como fundamentais para uma mulher com pudor.

Neste período, tendo em vista a hegemonia cristã sobre as práticas sociais, filósofos e teólogos descreviam suas perspectivas sobre diversos temas, dentre eles a beleza. Entre tais pensadores, Tomás de Aquino apresenta especial relevância nos conceitos sobre o que seria a natureza do belo. Para este pensador, que influenciou o modo medieval de conceituar a beleza, esta deveria constituir-se de três aspectos fundamentais: proporção (ou harmonia), integridade (ou perfeição) e claridade (ou esplendor) (TEIXEIRA, 2012), posto que a beleza necessitasse exercer um elo com o sagrado, sendo, portanto, uma dádiva divina (ECO, 2004).

A partir do Renascimento, a beleza volta aos pressupostos gregos de proporção e medida, sendo que os pintores buscaram constantemente a medida perfeita da beleza. A maquiagem e o uso de cosméticos deixam seu caráter malévolo e ganha contornos de conquista, difundindo-se



através de tratados sobre a beleza, embora ainda existissem discussões se o uso dessas ferramentas estéticas não criariam uma beleza desonesta (Faux, 2000).

Nos séculos XVI e XVII, a imagem feminina - sempre trazida como sinônimo da beleza – toma formas mais recatadas através das produções artísticas, passando a ser mostrada em seus papéis de educadora, esposa e dona de casa. Em contrapartida, a figura feminina é apresentada no século XVIII de forma mais desenvolta, sem o uso de corpetes e com os cabelos soltos, em reuniões com outras mulheres. Nesse período, o conceito de beleza associava-se à capacidade do indivíduo de produzir ou julgar algo como belo, podendo o belo definir-se tanto como algo proporcional e harmônico quanto em sua variedade (ECO, 2004).

O século XIX traz a beleza como algo indefinível e não natural. Segundo Iwanowicz et al (1994), as mulheres desse período passam a fazer uso de espartilhos apertados, levando a alterações físicas do corpo, objetivando desenvolver uma cintura fina e quadril largo – imagem corporal associada ao padrão de beleza ideal na época. Somando-se a isso, a figura feminina trazia dois tipos físicos caracterizados: enquanto o primeiro prefigurava seu caráter delicado e frágil, o segundo enfocava a sensualidade, com seios fartos, pernas grossas e quadris largos.

Quebrando paradigmas, o século XX desponta com o desvelamento do corpo feminino. O culto à alma cede seu lugar ao culto ao corpo, e a beleza passa a ser prioridade em detrimento da salvação da alma. No século XXI, as regras da beleza física são construídas e divulgadas pela mídia, por indústrias estéticas e de moda, mediante a publicidade, que a oferece como produto disponível a quem deseja possuí-la.

Ou seja, a preocupação com a beleza física não é característica única de nosso século, mas já vem nos acompanhando há longos séculos. Porém, mesmo que saibamos que a beleza não é tudo, que a beleza física um dia acaba, porque ela é tão importante? Porque ela é tão fundamental



Capítulo 4 - Beleza física e atração interpessoal: apontamentos teóricos

em nossas relações interpessoais? Porque nossos olhos dirigem-se, sem nem mesmo notarmos, à beleza física? Parece-nos que existe algo em nossa natureza, aliada a construções sociais, que dita uma “Lei do mais Belo” (ETCOFF, 1999). A beleza física está acima da inteligência? A beleza física é mais importante que o “verdadeiro amor”? Porque nos interessamos por certos aspectos da beleza física? O quanto a mídia influencia nos padrões de beleza? Essas e outras questões que tanto nos angustiamos merecem respostas que, através de uma perspectiva científica da beleza, já traz alguns esclarecimentos.

Como definimos a beleza e como ela nos influencia?

Não é mistério algum: a beleza aprisiona mentes. Sendo ela uma perfeita mistura de carne e de imaginação, a beleza fascina, seduz, influencia valores, altera comportamentos e modela emoções e desejos. Quando olhamos para alguém que julgamos atraentes, na maioria dos casos pensamos coisas positivas a respeito desta pessoa. Logo, a aparência física nos possibilita um quadro para análise dos processos de avaliação das outras pessoas, retendo nossa atenção e formando um julgamento direto desta pessoa, através de nosso processo de percepção. Sendo assim, aquela antiga frase: “o que é belo é bom” faz muito sentido!

Cotidianamente, somos pegos julgando a beleza. Avaliamos as pessoas que vemos nas ruas, nas festas, nos restaurantes e até mesmo quem passa pela rua. Avaliamos suas roupas, seu corpo, seu rosto, sendo que muitas vezes estas avaliações duram apenas alguns segundos.

É como se houvesse em nós um dispositivo que avaliasse imediatamente o que consideramos belo e o que não consideramos. Num estudo realizado por Goldstein e Papageorge (1980) sobre julgamentos de atratividade facial, constataram que podemos identificar e classificar um rosto por sua beleza durante uma fração de segundo (150m/seg).

Em seus estudos com bebês recém-nascidos, Slater et al (1998) argumentaram a existência de um componente humano inato de



reconhecimento da beleza, o que põe em cheque a máxima de que a “a beleza está nos olhos de quem vê”. Ou seja, para além do que a sociedade dita o que é beleza, pode existir em nós um mecanismo inato que nos aponte, de forma inconsciente, padrões de julgamento estéticos. Afinal de contas, quem nunca se sentiu atraído (a) por um completo estranho (a), julgando-o apenas por seus atributos físicos?

É socialmente considerado que pessoas belas são: mais populares, inteligentes, confiantes, sexualmente excitantes, experientes, com maior oportunidade de flertes e de ter amigos, dentre outros benefícios (ETCOFF, 1999). Essa situação pode ser explicada usando por base a *teoria do efeito halo*, que considera que a avaliação de uma característica interfere no julgamento das demais, contaminando o resultado geral (ROSENZWEIG, 2007).

As pessoas tendem a ajudar pessoas bonitas, mesmo que não gostem delas (SIGALL; ARONSON, 1969); pessoas tendem a pedir menos ajuda a pessoas bonitas, principalmente os homens em solicitar ajuda às mulheres ou em relação a membros do seu próprio sexo que sejam mais bonitos (NADLER; SHAPIRA; BEM-IT'ZHAK, 1982); pessoas atraentes fisicamente têm maior poder de convencimento, pois seus convites as querem agradecer (HORAI; NACCARI; FATOULLAN, 1974); dentre tantas outras possibilidades.

Contudo, a beleza nem sempre traz benefícios. Embora pessoas belas sejam mais populares como possíveis parceiros amorosos, com relação à amizade inverte-se a situação (KREBS; ADINOLFI, 1975). De acordo com Etcoff (1999), mulheres bonitas têm problemas com relação à amizade com outras mulheres, sendo menos queridas pelas outras. Tal situação ocorre pelo fato de que, quando em contato com alguém muito mais belo, algumas pessoas podem sentir-se desconfortáveis e até ameaçadas.

A isso se intitula “efeito de contraste” (KENRICK; GUTIERRES, 1980), ou seja, pessoas se sentem mais bonitas quando rodeadas de pessoas menos bonitas ou no mesmo nível, e feias quando em contato

Capítulo 4 - Beleza física e atração interpessoal: apontamentos teóricos

com pessoas reconhecidas como mais belas. Tais comparações sociais não só acontecem quando, de maneira deliberada, aprovamos ou não às pessoas que passam do nosso lado, mas também automaticamente. Mas afinal de contas, o que é a beleza física? Podemos observá-la quando a encontramos, quando a observamos, mas como defini-la? Pensemos por um instante antes de dar continuidade. Feche seus olhos e imagine alguém que você considere extremamente atraente. Pense no formato de seu rosto, no formato do seu corpo, nos detalhes que para você são altamente atrativos. Talvez, se fizéssemos um levantamento das características que você considere belo, você não seria a única pessoa a pensar desta forma. E sabe por quê?

Porque podemos pensar na beleza física como uma imagem que agrada a uma grande massa, que por sua vez passa a ser reproduzida como um padrão estético. Por sua vez, a aparência física é a parte mais pública que possuímos, ou, como diria Jodelet (1994), é o mediador do nosso espaço social, atuando como mediador do conhecimento que possuímos sobre nós mesmos e sobre os outros. Ela atua, predominantemente, na atração entre as pessoas, e mesmo que muitas pessoas digam em seus discursos que a beleza é algo trivial e vazia, na prática tal perspectiva cai por terra, diante do que nos atrai.

Neste campo da ciência da beleza, as perspectivas ora complementam-se, ora divergem, devido à experiência subjetiva que faz interlocução com fatores externos e internos que influenciam em nossa percepção de beleza. Enquanto alguns a definem como um recurso indispensável para atrair parceiros para o sexo e para a reprodução (BATTEN, 1995), outros compreendem a beleza relacionada à forma que a atração entre seres humanos influencia o modo como as pessoas percebem e pensam sobre umas às outras (SONES, 2004). Nesta lógica de pensamento, a beleza física tende a fazer com que as pessoas sintam-se interessadas umas pelas outras, levando-as a serem consideradas mais sociáveis e inteligentes, associando-as ao moralmente bom (DION; BERSHEID, 1972), maior influência social (HAMERMESH; BRIDDLE, 1994) e maior sucesso em relacionamentos amorosos (MURSTEIN, 1972).



Mas quais são os aspectos físicos valorizados? O que é fisicamente belo? Estas perguntas são questões difíceis de responder, considerando a imensidão de gostos das pessoas em geral. Uns dizem que preferem as pessoas mais magras, outros mais gordos. Um prefere homens de porte atlético, já outros preferem corpos mais esguios. Uns preferem mulheres com corpos definidos, já outros preferem outro tipo. Existe então algum padrão nisso tudo?

Somos peritos em distinguir imediatamente curvas e ângulos de rostos e corpos. Assim como podemos identificar em frações de segundos, mudanças de humor de uma pessoa, também somos capazes de identificar o que é belo fisicamente. Existe uma certa compreensão geral de beleza, o que lhe possibilita um caráter universal.

Algumas pesquisas buscaram fazer esta verificação, e tiveram sucesso: os resultados apresentaram alta compatibilidade acerca de quem era ou não considerado bonito, mesmo variando de cultura para cultura (muitas delas não possuindo contato com meios midiáticos, como tribos indígenas) (ILIFFE, 1960; UDRY, 1965; CROSS; CROSS, 1971; JONES; HILL, 1993; MEERDINK; GARBIN; LEGER, 1990).

A beleza é parte universal da existência humana, fixa atenção, dá prazer e impele ações que visam assegurar a sobrevivência de nossos genes. Olhamos sem nos dar contas para corpos simétricos, rostos bonitos, pele macia, dentre tantos aspectos que nossas práticas atrativas já nos são tão familiares. Não é um processo consciente esta reação à beleza, mas nossos pensamentos e comportamentos estão sob nosso controle, ou seja: a atenção frente a beleza não justifica por si só possíveis deslizes nos relacionamentos amorosos.

Mas o que se constata atualmente? Para os homens, o padrão de beleza física seria o “moreno alto, bonito e sensual”? Segundo estudos, o que os torna atraentes são as características que o façam parecer dominante. Rostos ovais ou retangulares, margem superior das órbitas volumosa, olhos fundos, queixo proeminente, sorriso largo, músculos (peitoral, bíceps, tríceps, costas), altura média ou acima da média, torso



Capítulo 4 - Beleza física e atração interpessoal: apontamentos teóricos

em formato de V, etc. Isso favorece em sua atratividade física, com maior possibilidade de parceiras e maior sucesso reprodutivo (MAZUR, MAZUR; KEATING, 1984; MAZUR, HALPERN; UDRY, 1994; GRAZIANO, BROTHEN; BERSCHEID, 1978; LAVRAKAS, 1975; DABBS, 1997).

Para as mulheres, a simetria é igualmente importante, sendo mais preferidas pelo sexo masculino. Seios fartos, firmes e empinados se apresentam como atrativos do sexo feminino, uma vez que os homens acham extremamente sensuais (MOLLER; SOLER; THORNHILL, 1995); cintura fina - com média de 0,67 a 0,80 (REBUFFE-SCRIVE, 1987) -; quadris redondos; rosto simétrico; baixo índice de gordura corporal (ZAADSTRA et al, 1993); e rosto simétrico (THORNHILL; GANGESTAD, 1994). De acordo com Singh (1993), os homens possuem preferência inata pelo corpo feminino com quadris fartos e cintura fina, o que simboliza fertilidade. Ou seja, a beleza física, como critério de seleção de parceiros, se mostra como um aspecto fundamental na gênese de relações amorosas.

A beleza física influencia no estabelecimento de relacionamentos amorosos?

Sem pestanejar, a resposta, do ponto de vista do conhecimento científico, é unânime: sim. Se o corpo fala, a beleza física é, sem sombra de dúvidas, uma poesia para a nossa percepção. A beleza física é um dos fatores mais importantes para o estabelecimento de um relacionamento amoroso (RODRIGUES, 1973) seja ele apenas para ‘ficar/pegar’, ou para um relacionamento amoroso estável. Contudo, sua influência vai perdendo força durante a manutenção do relacionamento amoroso, ou seja, outros atributos passam a ter valores tão – e até mais – importantes para que o relacionamento se perpetue, tais como: intimidade, paixão, compromisso (STERNBERG; GRAJEK, 1984), respeito, inteligência, dentre outros atributos.

Mas focaremos aqui numa etapa crucial de um relacionamento amoroso: seu início. Mas como isso se procede? Para tal explicação,



necessitamos compreender uma importante característica associada às relações entre as pessoas: a atração interpessoal.

A atração interpessoal é concebida como uma forma de influência social que perpassa as relações interpessoais, correspondendo aos componentes afetivos das relações sociais. Ou seja, emoções, sentimentos e atitudes positivas em relação à outra pessoa, que se manifestam pelo desejo de aproximação destas pessoas (FISHER, 2002).

Pensemos na seguinte situação: estamos em uma festa e observamos que uma determinada pessoa está nos observando. Nosso interesse pela pessoa poderá ocorrer de diversas formas: a pessoa pode ser altamente atraente, gerando assim um interesse imediato; a pessoa poderá ter características que nos atraiam em um (a) possível parceiro (a), tais como: se tem um bom papo, se é inteligente, se é carismático (a), se gosta de dançar, etc. Enfim, esta pessoa que está flertando conosco passará por uma prévia avaliação nossa, no qual avaliaremos se esta pessoa será capaz de nos atrair e, a partir disso, selecionaremos comportamentos que façam com que a pessoa mantenha seu interesse por nós. Isso é, de forma didática, o que propõe a teoria da atração interpessoal.

A beleza física é um dos atributos pessoais de maior influência na gênese de relações interpessoais, mais especificamente na atração interpessoal. Nos arrumamos, colocamos belas roupas, vestidos sensuais e roupas que demarquem características pessoais físicas que atraiam, use-se maquiagem, tudo isso com uma função muito específica: atrair através da beleza física. A consciência da própria beleza física e do outro interfere diretamente nas interações sociais, uma vez que, ao nos sentirmos belos, isto aumenta a autoestima, possibilitando maiores comportamentos de flerte e, possivelmente, maiores chances de atrair um (a) parceiro (a).

Mídia, padrões de beleza física e atração: Relacionamentos amorosos reféns da estética?

Conceitua-se padrão – ou ideal – de beleza como um modelo específico de aparência, que é reproduzido culturalmente e moldado



Capítulo 4 - Beleza física e atração interpessoal: apontamentos teóricos

pelas relações sociais, cultura, política e economia. Ou seja, além dos aspectos biológicos envolvidos, a dimensão cultural também se mostra como importante. Ressalta-se aqui que, mesmo havendo padrões específicos, as percepções referentes a elas são particulares, variando de cada indivíduo. Tendo em vista que a aparência é a parte mais pública da pessoa, e cada período histórico apresentou determinados cânones da beleza, os padrões de beleza adentram na temática como sendo as proporções e aspectos físicos considerados atrativos sexualmente.

Para tanto, os meios de comunicação passam a difundir padrões estéticos de corpo, beleza e moda, que se generalizam e se reproduzem mundialmente, reforçando ideais de beleza a serem seguidos (ARAÚJO; KUHN, 2012), sendo tais modelos alterados rapidamente, havendo maiores rupturas destes valores estéticos em um menor período de tempo. Enquanto os anos 50 predominavam o ideal de beleza feminina o corpo esguio e voluptuoso – podendo ser observados em concursos de beleza, tais como Miss Universo e Miss América – a partir de 1969, tais medidas se alteram, levando a uma diminuição do peso, aumento da altura, mantendo apenas as medidas do quadril e do busto.

A partir do final da década de 80, a busca pelo corpo perfeito, enquanto enquadramento aos padrões de beleza, tem sido associado ao bem estar, qualidade de vida e saúde, levando inclusive a interpretações deturpadas sobre saúde e bem-estar, sendo que toda a década de 90 apresentou-se pela obsessão pelo corpo perfeito – e magro. Com o impacto que a publicidade exerce no cotidiano da população, padrões estéticos de pessoas famosas – sejam elas supermodelos e/ou celebridades – ditam modelos de padrão corporal, vestuário, acessórios e cortes de cabelo, que são reproduzidos em massa (GOLDENBERG, 2002), para, em curto espaço de tempo, ceda lugar a novos modelos que também serão reproduzidos.

Com estes “padrões de beleza flutuantes”, estudos (ARAÚJO; KUHN Jr., 2012; ALMA; COSTA, 2011) tem discutido sobre o quanto o discurso sobre a beleza na publicidade reforçam modelos específicos. Ora enfocando a juventude eterna e impondo formas perfeitas e, por



vezes, inatingíveis; ora a diversidade da beleza, tais padrões acabam por obrigar – de maneira velada – a população a adentrar nestes moldes, trazendo à muitos infelicidade e outras problemáticas de nível patológico, como as “doenças da beleza”, como bulimia e anorexia, por exemplo.

Atualmente, a beleza física também pode ser associada a uma tríade composta por saúde, juventude e corpo definido, sendo tais fenômenos associados mutuamente. As regras estéticas não são mais incitadas por dogmas religiosos, mas por indústrias estéticas e de moda, mediante a publicidade, e, longe de ser menos opressora, quando não obedecidas, podem levar indivíduos ao isolamento social. Hoje, a mídia difunde que a beleza está disponível a quem desejar, podendo ser comprada e inventada, não sendo mais um dom divino atribuído a poucas pessoas, como era pensado até a década de 1940 (LIPOVESTSKY, 2000).

Para tanto, cirurgias estéticas e não estéticas, produtos de embelezamento e academias despontam como formas de um autogerenciamento da beleza, trazendo assim ascensão social, *status*, e juventude, uma vez que torna o corpo do indivíduo mais atraente (HELMAN, 2003). Associa-se a beleza à sedução, ao socialmente aceito, ao bem-estar e à saúde. Essa associação entre bem-estar e saúde, nem sempre coerente, pode estar relacionada no imaginário social na perspectiva de que o bem estar estaria ligado à autoimagem, no bem-estar intrapessoal.

Contudo, indo de encontro às prerrogativas de padrão único de beleza, a indústria da beleza tem desenvolvido um novo paradigma: a beleza diversificada, a beleza “da vida real”. A beleza, no século XXI, é polivalente, ou o que Eco (2004) chama de “politeísmo da Beleza” (p. 428) uma vez que varia do gosto de cada indivíduo, bem como da idade que este possui, ou seja, para se alcançar a beleza, é necessária uma relação harmoniosa com o tempo e as diferentes etapas do ciclo vital. As particularidades voltam-se à diversidade dos padrões estéticos, e não a um único modelo.



Capítulo 4 - Beleza física e atração interpessoal: apontamentos teóricos

Nessa perspectiva, passa-se a focar a beleza enquanto algo a ser alcançado em qualquer idade, sem um ideal de beleza exclusivo, mas a beleza individual de cada um, que varia conforme a idade. De acordo com a Associação Brasileira de Produtos de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosmética (Abihpec) houve um crescimento de 10,5% na indústria da beleza nos últimos 14 anos, tendo por principais fatores a participação da mulher no mercado de trabalho e os constantes lançamentos de novos produtos, que passam a atender diferentes necessidades dos consumidores, mas com o mesmo objetivo: manter a jovialidade com o avançar da idade, haja vista que a preocupação para com a beleza leva a população a consumir tais produtos (ALMA; COSTA, 2011).

Os meios de comunicação reforçam a noção de que os produtos voltados à estética podem alterar qualquer parte indesejável do corpo, bastando ao indivíduo querer. Para Andrade (2003), as representações do corpo sofrem tanto transformações em relação aos padrões estéticos de determinados períodos históricos, quanto se mantém estáveis por determinados períodos. Num estudo realizado por Novaes (2001), a representação do corpo ideal contemporânea seria o modelo atlético, definido e talhado, associando beleza física à juventude, e consequentemente juventude à saúde.

Aonde chegamos? Mesmo tendo acesso atualmente a beleza física como um produto a ser comprado, com diversas formas de modificação corporal – invasivas ou não invasivas, os relacionamentos amorosos que buscam se sustentar pela beleza física, tende a não durar.

Porque isso ocorre? Vejamos. Para um relacionamento amoroso ter sucesso, é necessário que o casal compartilhe sentimentos que lhes sejam importantes, tais como: companheirismo, afeição, carinho, respeito, honestidade, dentre inúmeros outros. Se a pessoa for muito bonita, mas for agressiva, mentirosa, falsa ou apresente inúmeras características que não nos pareçam favoráveis, sua beleza não será suficiente para manter o relacionamento, uma vez que o custo/benefício não parece vantajoso. Resultado: término de relacionamento.



Logo, o amor que nasce e vive pela beleza terá alta probabilidade de morrer pela beleza. A beleza física sozinha não é um fator preditivo de um relacionamento amoroso satisfatório, nem de felicidade eterna (como vemos na mídia afora), uma vez que, para a manutenção de um relacionamento que envolva amor, outras características se apresentam com importância igual ou parecida (HERNANDEZ; OLIVEIRA, 2003; CHAVES, 2010; ANTUNES et al 2010; MARTINS-SILVA; TRINDADE; SILVA JUNIOR, 2013).

Considerações finais

Presente em todas as culturas, a beleza física - construída e influenciada por aspectos biológicos, culturais e sociais – está presente em tudo, e a tudo influencia. Guerras foram travadas em nome de relacionamentos amorosos – influenciados pela beleza; mitos foram contados; deuses foram criados, personificando a relação entre o amor e a beleza.

Tais situações não ficaram no passado. Atualmente, a beleza mantém o mesmo status que outrora. A indústria cosmética, as cirurgias estéticas, as músicas, as roupas, os exercícios físicos, todos estes fatores ligam-se diretamente na relação entre a beleza física e a atração. A beleza física tornou-se um rentável negócio, ante a necessidade instintiva que temos de nos relacionarmos amorosamente com outras pessoas.

O amor e a beleza seguem num nível tão próximo que, em muitas ocasiões, passa a se tornar um “amor pela beleza”. A beleza visual envolve um jogo de sedução que dificilmente não influencia nossas escolhas, nossas percepções e julgamentos. Contudo, ela não é o único fator que influencia o estabelecimento de relacionamentos amorosos, nem da atração.

O famoso *sex-appeal* agrega muitas outras características, como: simpatia, ousadia, voz, cheiro, inteligência, caráter, sagacidade, *status*, dentre tantas outras. Se a beleza física atrai, ela necessita de outros



Capítulo 4 - Beleza física e atração interpessoal: apontamentos teóricos

atributos para se sustentar em relacionamentos amorosos. Mas não se nega: sua influência no estabelecimento de relacionamentos amorosos é bastante forte.

Mas é um erro pensar que a beleza, por ser também uma construção social, não é importante, ou quem a valoriza é alguém “vazio”. A beleza física não revela a personalidade das pessoas, e quem a valoriza muito não deve ser considerado fútil. É natural querermos nos sentir sexualmente desejáveis e aceitos socialmente, e a beleza física nos possibilita exatamente isso. Mas seria leviano considerar a beleza física como fator único de alcance desta felicidade.

A beleza física tem impacto direto nas interações que estabelecemos em nosso dia a dia, e em relacionamentos amorosos, é um dos principais preditores de sucesso nesta etapa. Contudo, nas demais etapas, passa a perder força em dimensões que se apresentam como mais importantes.

Por sua vez, os estudos científicos apresentados trazem importantes contribuições no cenário acadêmico sobre a importância da beleza física na atração interpessoal, bem como suas características e pressupostos, contribuindo assim no fortalecimento da ciência da atração interpessoal e claro, na ciência do amor. Sendo assim, a beleza física atrai e pode ser o fogo de intensas paixões, mas sozinha não se mostra capaz de influenciar a qualidade e/ou mesmo a durabilidade dos relacionamentos amorosos.

Referências

ALMA, J. M. e COSTA, M. L. R. B. da. O mundo midiático no mundo da beleza: com as esteticistas adquirem os seus produtos cosméticos. **Rumores**, v. 10, n. 5, p. 166-187, 2011.

ARAÚJO, D. C. DE, E KUHN JR., N. 100% de beleza feminina? A verdade para a Natura. **Rev. Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 14, n. 1, p. 52-62, 2012.



ANDRADE, S. dos S. Saúde e beleza do corpo feminino: algumas representações no Brasil do século XX. **Revista Movimento**, v. 9, n. 1, p. 119-143, 2003.

ANTUNES, E. S. D. C.; MAYOR, A. S.; ALMEIDA, T. de; LOURENÇO, M. L. Considerações sobre o Amor e a Sexualidade na Maturidade. **Pensando Famílias**, v. 14, p. 121-138, 2010.

BATTEN, M. **Estratégias sexuais**: como as fêmeas escolhem seus parceiros. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1995.

CHAVES, J. C. As percepções dos jovens sobre relacionamentos amorosos na atualidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 28-46, 2010.

CROSS, J. F.; CROSS, J. Age, sex, race, and the perception of facial beauty. **Developmental Psychology**, v. 5, p. 433-439, 1971.

DABBS Jr., J. M. Testosterone, smiling, and facial appearance. **Journal of Nonverbal Behavior**, v. 21, p. 45-55, 1997.

DION, K., BERSHEID, E. What is beautiful is good. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 24, n. 3, p. 285-290. 1972.

ECO, U. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ETCOFF, N. **A lei do mais belo**: a ciência da beleza. Objetiva: Rio de Janeiro, 1999.

FAUX, D. S. **Beleza do século**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000.

FISCHER, G. **Os conceitos fundamentais da Psicologia Social**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

GOETZ, E. R. **Beleza e Plasticomania**. Juruá Editora: Curitiba, 2013.



Capítulo 4 - Beleza física e atração interpessoal: apontamentos teóricos

GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & Vestido: dez antropólogos relevam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOLDSTEIN, A. G.; PAPAGEORGE, J. Judgments of facial attractiveness in the absence of eye movements. **Bulletin of the Psychonomic Society**, v. 15, n. 4, p. 269-270, 1980.

GRAZIANO, W., BROTHEN, T., BERSCHIED, E. Height and attraction: Do men see women eye to eye. **Journal of Personality**, v. 46, p. 128-145, 1978.

Hamermesh, D. S. **O valor da beleza: por que as pessoas atraentes têm mais sucesso.** Editora: Elsevier - Campus, 2012.

HAMERMESH, D., BRIDDLE, J. E. Beauty and the labor market. **The american economic review**, v. 84, n. 5, s/p, 1994.

HELMAN, C. G. **Cultura Saúde e Doença.** Trad. Cláudia Buchewitz e Pedro M. Garcez. 4ed: Porto Alegre: Artmed, 2003.

HERNANDEZ, J. A. E.; OLIVEIRA, I. M. B. de. Os componentes do amor e a satisfação. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 21, n. 3, p. 58-69, 2003.

HORAI, J., NACCARI, N., FATOULLAN, E. The effects of expertise and physical attractiveness upon opinion agreement and linking. **Sociometry**, v. 37, p. 601-606, 1974.

ILIFFE, A. H. A study of preferences in feminine beauty. **British Journal of Psychology**, v. 51, p. 267-273, 1960.

IWANOWICZ, B, ALVES, R., KOFES, S., LOPES, M. I. da S. e CASTELLANI FILHO, L. A imagem e a consciência do corpo. Em: BRUHNS, H. T. (org.) **Conversando sobre o corpo** (5 ed.), Campinas: Ed. Papirus, pp. 63-81, 1994.



JODELET, D. Le corps, la persone et autrui. In : MOSCOVICI, S. (Org.), **Psychologie sociale dès relations à autrui**(pp. 41-68). Paris: Nathan, 1994.

JONES, D.; HILL, K. Criteria of facial attractiveness in five populations. **Human Nature**, v.4, p. 271-296, 1993.

KENRICK, D. T., e GUTIERRES, S. E. Contrast effects and judgments of physical attractiveness: when beauty becomes a social problem. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 38, p. 131-140, 1980.

KREBS, D., ADINOLFI, A. A. Physical attractiveness, social relations and personality style. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 31, p. 245-253, 1975.

LAVRAKAS, P. J. Female preference for male physiques. **Journal of Research in Personality**, v. 9, p.324-334, 1975.

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Cia da Letras, 2000.

MARTINS-SILVA, P. de O.; TRINDADE, Z. A.; SILVA JUNIOR, A. da. Teorias sobre o amor no campo da Psicologia Social. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 33, n. 1, 2013.

MAZUR, A., MAZUR, J., e KEATING, C. Military rank attainment of a West Point class: effects of cadet's physical features. **American Journal of Sociology**, v.28, p.125-150, 1984.

MAZUR, A., HALPERN, C., e UDRY, J. R. Dominant looking mal teenagers copulate earlier. **Ethology and Sociobiology**, v. 15, p. 87-94, 1994.

MEERDINK, J. E.; GARBIN, C. P.; LEGER, D. W. Cross-gender perceptions of facial attributes and their relation to attractiveness: do we



see them differently than they see us? **Perception and Psychophysics**, v.48, p. 227-233, 1990.

MOLLER, A.P., SOLER, M, e THORNHILL, R. Breast asymmetry, sexual selection, and human reproductive success. **Ethology and Sociobiology**, v. 15, p. 207-219, 1995.

MURSTEIN, B, I. Physical attractiveness and marital choice. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 22, n.1, p. 8-12, 1972.

NADLER, A., SHAPIRA, R., e BEM-ITZHAK, S. Good looks may help: Effects of helper's physical attractiveness and sex of helper on male 'sandfemale's help-seeking behavior. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 42, p. 90-99, 1982.

NOVAES, J. dos S. **Estética: o corpo na academia**. Rio de Janeiro: Shape, 2001.

REBUFFE-SCRIVE, M. Regional adipose tissue metabolism in men and in women during menstrual cycle, pregnancy, lactation, and menopause. **International Journal of Obesity**, v. 11, p. 347-355, 1987.

ROSENZWEIG, P. **The Halo Effect...and the Eight Other Business Delusions That Deceive Managers**: Free Press, 2007.

RODRIGUES, A. **Psicologia Social** (2ed.). Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

SIGALL, H., e ARONSON, E. Liking for an evaluator as a function of her physical attractiveness and nature of the evaluations. **Journal of Experimental Social Psychology**, v.5, p. 93-100, 1969.

SINGH, D. Adaptive significance of female physical attractiveness: Role of waist-to-hip ratio. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 65, p. 293-307, 1993.

SLATER, A.; SCHULENBURG, C. V. der; BROWN, E.; BADENOCH, M. New Born infants prefer attractive faces. **Infant Behavior and Development**, v. 21, n.2, p. 345-354, 1998.

SONES, M. **Human Beauty**. Disponível em: www.beautywords.com. 2004. Acesso em: 23 de setembro de 2012.

STERBERG, R. J., GRAJEK, S. The nature of Love. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 47, p. 312-329, 1984.

TEIXEIRA, T. P. **Música e beleza em São Tomás de Aquino**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós Graduação em Música, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2012.

THORNHILL, R., GANGESTAD, S. W. Human female orgasm and mate fluctuating asymmetry. **Animal Behavior**, v. 50, p. 1601-1615, 1995.

UDRY, J. R. The influence of the ideal mate image on mate selection and mate perception. **Journal of Marriage and the Family**, v. 27, p.477-482, 1965.

VIGARELLO, G. **História da beleza: o corpo e a arte de embelezar, do renascimento aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

ZAADSTRA et al. Fat and female fecundity: prospective study of body fat distribution on conception rates. **British Medical Journal**, v. 306, p. 484-487, 1993.

